

## PAULA REGO, A SOLIDÃO E O ABORTO

Marcela Boni Evangelista<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo propõe uma discussão sobre o aborto e suas diversas dimensões nos corpos, nas políticas e na sociedade, por meio da articulação de trabalhos da artista portuguesa Paula Rego e também com a história oral como suporte teórico e metodológico. Este trabalho é fruto de estudos e reflexões da pesquisa de doutorado “Dilemas da (sobre)vida: o aborto”, realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. O trabalho envolveu a coleta e tratamento de 16 narrativas de história de vida com mulheres e homens com experiências relacionadas ao aborto.

**Palavras-chaves:** Paula Rego; Aborto; Solidão; História.

## PAULA REGO, SOLITUDE AND THE ABORTION

### ABSTRACT

This article proposes a discussion about abortion and its various dimensions in bodies, politics and society, through the articulation of works by the Portuguese artist Paula Rego and also with oral history as a theoretical and methodological support. This work is the result of studies and reflections conducted over the doctorate research "Dilemmas of (over) life: the abortion", carried out within the scope of the Graduate Program in Social History of the Philosophy School, Letters and Human Sciences of Sao Paulo University (USP). The work involved the collection and treatment of 16 life stories with women and men with abortion-related experiences.

**Keywords:** Paula Rego; Abortion; Solitude; Stories

## 1 INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Paula Rego é uma artista plástica portuguesa nascida em Lisboa em 26 de janeiro de 1935. Sua trajetória transita entre o país de origem e a Inglaterra, onde vive atualmente. Premiada em diversas instituições, possui extensa obra que contempla formas e temas variados. Uma das marcas de sua produção é o posicionamento crítico ao Estado Novo português e aos pressupostos que evocam a mulher como sujeito de submissão frente ao homem naquela sociedade.

Mesmo após a queda do regime salazarista em 1975, muitas concepções pautadas no patriarcalismo se mantiveram, de modo que as condições das mulheres continuaram marcadas pelas desigualdades de gênero e a violência que desta se desdobra.

Em 1998 Portugal passou pelo primeiro referendo que visava à legalização do aborto. O resultado negativo em função da parca participação popular foi o motor para que Paula Rego produzisse uma das séries mais contundentes de sua obra. Com o nome “Sem Título”, é composta por dez quadros em que o público é convidado a “desvendar” o tema. Menos que artifício comum à nomenclatura de obras abstratas, “Sem Título” remete à condição de segredo e tabu que envolve a experiência do aborto. Ainda que seja a reprodução de sentimentos de sua autora, é evidente que busca contemplar uma questão que extrapola a individualidade criativa e aciona elementos de relevo social e coletivo.

Os quadros apresentam com indiscutível nitidez situações de aborto e sugestionam um debate público sobre a questão. Embora a vivência de tal condição evoque sofrimento e solidão, as mulheres representadas demonstram muito mais... A autora, em entrevista de 15 de fevereiro de 1999, concedida ao Daily Telegraph, afirma: “A vida continua. Elas sobreviverão.”<sup>2</sup>

Falamos, contudo, a partir do contexto brasileiro, onde o aborto figura como crime de acordo com o Código Penal vigente, excetuando os casos denominados como “aborto legal”<sup>3</sup>. Ainda assim, estatísticas recentes estimam a realização de cerca de um milhão de

---

<sup>2</sup> Em 2007, novo referendo modificou o estatuto do aborto em Portugal. Aprovado pela população, deixou de ser criminalizado para alguns casos.

<sup>3</sup> Os casos de aborto legal contemplam situações de estupro, risco de morte para a mãe e, mais recentemente, de fetos com anencefalia.

abortos induzidos por ano. Tal constatação remete imediatamente à clandestinidade desta prática que, muitas vezes, ocorre em espaços que oferecem o procedimento de forma ilegal e inadequada.

Os números de mulheres que declaram ter realizado aborto na vida são eloquentes: em termos aproximados, aos 40 anos, quase uma em cada cinco mulheres brasileiras fez um aborto; no ano de 2015 ocorreram cerca de meio milhão de abortos. Considerando que grande parte dos abortos é ilegal e, portanto, feito fora das condições plenas de atenção à saúde, essas magnitudes colocam, indiscutivelmente, o aborto como um dos maiores problemas de saúde pública do Brasil. O Estado, porém, é negligente a respeito, sequer enuncia a questão em seus desenhos de política e não toma medidas claras para o enfrentamento do problema. (DINIZ, MEDEIROS, MADEIRO, 2016, p. 659)

Ainda assim, são incontáveis os casos de mulheres que praticam o aborto solitariamente. A partir da década de 1980, um medicamento utilizado para o tratamento de úlcera gástrica se popularizou por seu potencial abortivo. Além da maior segurança, em comparação aos métodos até então utilizados, e mesmo às clínicas clandestinas, o Misoprostol (Citotec) garantia às mulheres o segredo, já que podiam fazer o procedimento sem a ajuda de outras pessoas e, mais que isso, sem que ninguém tivesse conhecimento.

O Misoprostol entrou no mercado brasileiro em 1986 para tratamento de úlcera gástrica, e até 1991 sua venda foi permitida nas farmácias. Esse foi um tempo suficiente para a divulgação do medicamento como um método abortivo eficaz, mais barato que as clínicas clandestinas privadas e com menores riscos à saúde da mulher. (Ministério da Saúde, 2009). (MATOS, 2010, p.35)

Neste sentido, cabe ressaltar a necessidade de manter em sigilo uma decisão que foge à normatividade que imprime à mulher a função de mãe, o que remete a mais uma faceta do aborto: a moralidade que impede as mulheres de compartilharem não somente a decisão, mas seus anseios, medos e angústias. Ainda assim, a continuidade da prática revela uma necessidade das mulheres na contemporaneidade. Necessidade esta que é

ignorada em muitos contextos, como o Brasil, onde operam discussões que definem os destinos das mulheres sem ao menos as consultar.

A realidade portuguesa que conferiu as condições para a produção artística que analisamos não está distante da nossa atual. Aqui impera a proibição e, ao mesmo, tempo, a realização de abortos inseguros.

## **2 ENTRE OLHARES E PALAVRAS: A LUTA SILENCIOSA PELA AUTONOMIA DOS CORPOS**

Neste artigo, pretendemos desenvolver uma reflexão que se fez presente durante nossa pesquisa de doutorado “Dilemas da (sobre)vida: o aborto”, realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

O estudo teve a história oral como suporte teórico e metodológico, em que foi produzido um corpus documental formado por 16 narrativas de história de vida com mulheres e homens que de alguma maneira tiveram a experiência do aborto em suas trajetórias. Tal forma de produção de conhecimentos, por sua vez, assume o trato com a subjetividade e remete a elementos que extrapolam os dados e as estatísticas.

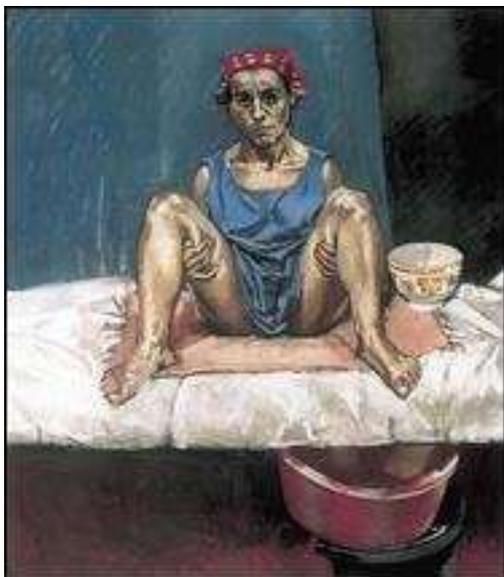
História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY & HOLANDA, 2010, p. 15)

Embora a análise iconográfica não fizesse parte do escopo do trabalho, o processo de pesquisa nos levou ao conhecimento da produção artística de Paula Rego e sua importante contribuição no plano das artes para o debate sobre o aborto. Os detalhes das obras produzidas nos chamaram atenção por sua afinidade com elementos presentes nos relatos que coletamos, com destaque para o silêncio e a solidão que envolve os casos de

aborto. Com isso, selecionamos três imagens da série “Sem Título” que remetem diretamente ao tema para propor uma discussão que relacione o registro imagético e o oral/escrito que nos serve de base.



A primeira imagem retrata uma mulher que, pela vestimenta que remete a um uniforme escolar, indica seu pertencimento ao grupo de mulheres jovens. O ambiente onde se encontra revela o espaço de um quarto, o que pode ser inferido pela presença de móveis como a cama, onde está sentada, e uma poltrona. A presença do aborto, por sua vez, pode ser identificada pelo balde alocado entre as pernas abertas da figura feminina. O que mais chama atenção, contudo, é o olhar desta mulher direcionado para o observador. A expressão de desafio é avassaladora!



A segunda imagem evoca a centralidade de uma mulher que, a julgar pelos componentes de sua indumentária, pertenceria às classes populares. A simplicidade das roupas e o lenço amparando os cabelos se referem ao universo da mulher que se dedica aos afazeres domésticos. Mais uma vez, o espaço em que se encontra se assemelha a um quarto, onde novamente a cama é central. A presença de bacias embaixo e sobre a cama revela a espera pelo abortamento. O olhar entristecido voltado para quem está vendo não é menos impregnado de decisão.



A terceira imagem não traz cores, nem o balde que nos impele à situação do aborto. São poucos os elementos que compõem o quadro, resumidos à mulher e à cama. A figura feminina é, entretanto, em tudo contundente. A força de seus músculos torneados revela a força necessária para vivenciar a experiência sozinha. E, mais uma vez, o olhar... O rosto, que parece tentar esconder a dor, se contorce em curvas que deixam ainda mais vivo o olhar que desafia as normas. Alguns elementos merecem atenção por sua permanência nos três quadros: a mulher, a cama, o quarto, além dos baldes e bacias que compõem pelo menos dois dos cenários. A escolha das cores é sugestiva na medida em que traz à tona (nos dois quadros coloridos) a presença do vermelho que remete imediatamente ao sangue, elemento físico intrínseco a esta situação.

### **3 A MULHER: CORPO QUE LUTA**

Embora a maternidade seja uma experiência eminentemente feminina, é sempre resultante de uma relação entre mulheres e homens. As diferenças e desigualdades de gênero, por sua vez, evocam papéis construídos historicamente, em que às mulheres é impressa a função de mãe e esposa. Mesmo com os avanços dos movimentos feministas, especialmente a partir da segunda metade do século XX, temos dois contextos – Portugal e Brasil – onde as conjunturas refletiram em resistências expressivas no que diz respeito aos direitos das mulheres, com destaque para os direitos sexuais e reprodutivos, em que o aborto figura como central. Em ambos os lugares as leis e as normas não impediram que abortos clandestinos e inseguros continuassem acontecendo ao longo do tempo. As imagens analisadas revelam a centralidade da mulher nesta experiência e, sobretudo, sua solidão neste processo, que envolve a decisão e a busca por alternativas de interrupção da gestação não desejada ou planejada.

A mesma situação pode ser verificada em nosso estudo sobre o aborto. O caso de Valéria ilumina tal constatação:

Foi uma experiência horrível! De muita dor! Imagino que seja como a dor do parto, não sei! A contração era tão forte que nem consigo explicar! Uma dor muito grande! E ainda solta o intestino, então ficava no banheiro o tempo todo com aquela dor, aquelas contrações, suando muito e saía sangue... Achei que

fosse morrer! Foi tão, tão ruim que não gosto nem de lembrar!!! O pior de tudo é que não acabou aí... Senti que não tinha acontecido completamente...

Mesmo dividindo a situação com algumas poucas pessoas que viabilizaram o acesso ao medicamento abortivo, seu relato demonstra claramente o medo da morte e a solidão em que vivenciou momentos de dor e angústia.

Giana, também colaboradora da pesquisa, conta sua experiência com outro método abortivo, uma injeção aplicada em circunstâncias sigilosas.

Tomei a injeção à noite e fui trabalhar normalmente. Quando cheguei ao serviço, a gente trabalhava toda de branco, me troquei e fomos tomar café numa barraquinha lá fora como de costume. Quando a mulher me serviu o café, senti aquele monte de sangue que sujou toda a minha roupa. Me levaram correndo para a enfermaria e expliquei a verdade para a enfermeira, que estava sofrendo um aborto. Fique em repouso e quando fui ao banheiro fazer xixi, o bebê caiu na privada. [...] A ambulância da empresa, em vez de me levar para o hospital, me levou para casa, onde comecei a sentir dores horríveis! Gritava de dor! Minha mãe estava trabalhando e quando chegou, fui obrigada a contar. Mostrei para ela... Tinha trazido o feto para casa... Mas as dores foram piorando cada vez mais e então chamaram um amigo que tinha uma perua para me socorrer. A dor era tanta que ninguém podia encostar a mão em mim. Parecia que a dor tomava meu corpo inteiro! Não tem como explicar uma dor como essa! Isso porque a placenta apodreceu dentro de mim... O feto nasceu, mas a placenta não... Teria que fazer uma curetagem...

As histórias de *Valéria* e *Giana* se aproximam por terem recorrido a métodos ilegais, mas também que são desdobrados sem acompanhamento médico até que notassem as complicações. Daí o elemento de solidão do qual falamos. No entanto, as particularidades de suas trajetórias revelam elementos importantes que recuperam traços das imagens selecionadas. *Valéria* é uma moça que vivenciou a situação quando cursava a universidade no início dos anos 2000. Embora apresentasse dificuldades financeiras, podemos considerar que havia algum tipo de auxílio material para acessar o método abortivo. Sua história nos leva ao primeiro quadro, onde protagoniza uma estudante. No caso de *Giana*, uma moça trabalhadora na década de 1970, utilizou seus poucos rendimentos para conseguir o procedimento, revelando o que nos traz o segundo quadro,

o qual aciona a centralidade de uma mulher das camadas populares. Em sua história, soma-se ainda o fato de já ter dois filhos e muita dificuldade para criá-los, uma vez que não contava com o apoio do pai. A terceira gestação, que resultou no aborto, sendo de um novo companheiro, ainda tinha como elemento o fato de sofrer violência por parte do mesmo, cujo ciúme é ressaltado em sua narrativa. Para além da distância temporal entre suas experiências, ressaltamos a questão de classe que traduz um dos pontos mais discutidos quando se fala sobre aborto no Brasil. Percebemos, através de suas histórias, que o aborto é uma realidade que ultrapassa marcadores de classe social e geração. A dor e o sofrimento podem ser inferidos, pois além de aspectos objetivos – é uma dor física – há diversos dilemas que acompanham a experiência do aborto.

#### **4 O QUARTO: ESPAÇO DE RESTRIÇÃO E SUBVERSÃO**

Nos três quadros escolhidos é notável a economia dos cenários, que se limitam ao espaço de um quarto de mulher... No livro “História dos quartos”, Michelle Perrot dedica um dos capítulos ao quarto feminino, onde oferece uma análise em perspectiva histórica sobre este ambiente. Apesar de diferenças verificadas relativas às classes sociais a que pertencem suas “donas”, há em comum a perspectiva de um lugar que separa a mulher do mundo e, em alguma medida, dos homens. Tal concepção remete diretamente à necessidade de preservação da intimidade feminina e restrição de suas funções, diretamente ligadas ao ambiente doméstico, em que a maternidade apresenta papel significativo.

Acionamos este texto para iluminar outras possíveis simbologias do quarto, lugar onde também imperam os segredos e os desejos femininos, apresentando contradições que polarizam as restrições e as subversões. Voltando-nos para os quadros de Paula Rego, teríamos quartos subversivos, onde mulheres lançam mão de sua autonomia sobre os próprios corpos e destinos, o que fica evidente pelo elemento mais perturbador nas figuras femininas: o olhar das mulheres retratadas e a força neles impressa.

Este olhar questionador, desafiador e destemido responde exatamente aos questionamentos voltados às mulheres que optam pelo aborto e as desafiam a aceitar uma maternidade não desejada, as amedrontam fechando as portas dos hospitais e, no limite,

do “céu”. Desta forma, estamos diante de mulheres que complexificam os postulados da maternidade enquanto destino e questionam pressupostos religiosos e de uma moral que não contempla suas reais demandas.

O olhar destas mulheres é como ponto de fuga de um horizonte longínquo. A despeito de todas as dificuldades que provavelmente fazem parte de sua experiência, estão olhando além, para o futuro. Um futuro que pode e deve ser diferente!

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, buscamos analisar três quadros da série “Sem Título” de Paula Rego em diálogo com narrativas coletadas durante nossa pesquisa de doutorado sobre experiências de aborto induzido.

Verificamos que, a despeito das diferenças contextuais entre Portugal e Brasil, há muitas semelhanças no que diz respeito às experiências vivenciadas solitariamente por mulheres que precisam interromper gestações em espaços marcados por uma sociedade patriarcal e que criminaliza o aborto.

Para além disso, é significativa a proximidade entre as imagens analisadas e as narrativas de histórias de vida compartilhadas por mulheres que vivenciaram casos de abortos induzidos no Brasil contemporâneo, onde esta prática é alvo de críticas morais e sanções judiciais, envolvendo uma grande rede que sustenta a clandestinidade e coloca em risco número alarmante de mulheres, especialmente aquelas que não possuem meios materiais para acionar serviços seguros, apesar de ilegais.

O que fica, a despeito dos impedimentos sociais e legais, contudo, é a autonomia das mulheres que insistem em subverter as regras impostas e fazem de seus corpos um território ainda não completamente controlado – apesar dos esforços constantes para fazê-lo. Os olhares das mulheres de Paula Rego, assim como as falas das mulheres brasileiras que ouvimos, são como gritos que rompem o silêncio desejado. São faíscas que almejam ser acesas em busca de direitos e liberdade de decidir o que fazer com seus corpos e suas vidas. São esperança de luta em tempos de retrocesso e, como tal, precisam e merecem ser publicizadas e discutidas amplamente.

## REFERÊNCIAS

DINIZ, Débora; MEDEIROS, Marcelo; MADEIRO, Alberto. Pesquisa Nacional de Aborto 2016. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(2), 2017.

EVANGELISTA, Marcela Boni. *Dilemas da (sobre)vida: o aborto*. Tese de doutorado: FFLCH-USP, 2011.

MATOS, Maurílio Castro de. *A criminalização do aborto em questão*. São Paulo: Almedina, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2010.

PERROT, Michelle. *História dos quartos*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.